

O MUNDO AINDA NÃO É «PÓS-AMERICANO»

Felipe Albuquerque

JOSEPH S. NYE, JR.
**Is the American
Century Over?**

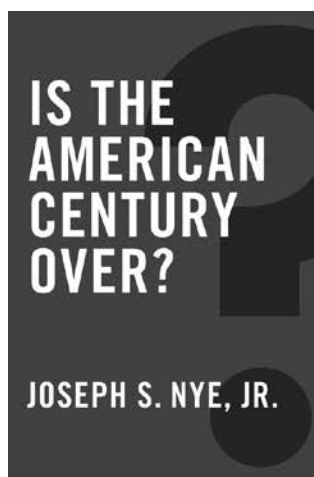
Polity Press, 2015,
152 páginas

Em *Is the American Century Over?*, Joseph Nye questiona teses que defendem a irreversibilidade do declínio norte-americano e afirma que a ordem internacional contemporânea depende das opções de política externa de Washington. Em resposta à pergunta que dá título à sua obra, o autor é taxativo: «descrever o século XXI como o de declínio dos Estados Unidos da América é provável que seja pouco acurado e enganoso» (p. 116). Ao longo de sete capítulos, Nye refuta determinismos históricos e rejeita argumentos como o de Paul Kennedy¹, que mostram a existência de ciclos de ascensão e de queda para as grandes potências.

Percepções de que os Estados Unidos estariam a declinar não são novas. Surgiram durante a competição sistêmica com a União Soviética e em virtude do desafio econômico alemão e japonês dos anos 1980. No contexto atual, ainda ecoa a instabilidade do pós-Guerra do Iraque e da crise econômico-financeira iniciada em 2008. Esse desarranjo também é marcado pela ascensão relativa de países emergentes, com especial destaque para a China; pelo recrudescimento de novas ameaças à preponderância estatal, como terrorismo, alterações climáticas, fluxos migratórios e de refugiados; e pelo fortalecimento de discursos nacionais refratários aos pilares

mantenedores da ordem liberal. Como aponta Nye, «por vezes, ter ansiedade sobre o declínio pode levar a políticas nacionalistas e protecionistas deletérias» (p. 20), leitura essa que pode ser aplicável à recente eleição de Donald Trump, ao Brexit e ao fortalecimento de movimentos eurocéticos.

Na obra, o autor defende que a primazia dos Estados Unidos está em xeque, mas ainda não foi superada. Erigida sob liderança de Washington nos estertores da Segunda Guerra Mundial, a ordem liberal em vigor tem por base a prevalência da



democracia, dos direitos humanos, do livre comércio e da igualdade soberana entre os estados. Regras e instituições multilaterais são ferramentas que fomentam a interdependência, funcionam como canais para a cooperação e criam anteparos em caso de possíveis conflitos interestatais.

Ao longo do livro, o autor refuta teorias de relações internacionais de matriz realista, pois defende que a prevalência de grandes potências em contexto sistêmico cada vez mais incerto, multipolar e competitivo não depende unicamente de fatores materiais, tais como potencial militar, domínio de recursos naturais, tamanho geográfico e poderio econômico. Para além de possuir *hard power*, a projeção externa de um Estado depende da existência de *soft power*, que envolve a capacidade de exercício de atração e de persuasão. Combinados, poder «duro» e poder «brando» confirmam o que Nye chamou de «*smart power*», tema da obra pretérita *The Future of Power*².

Na visão dele, Washington é quem melhor combina e exerce as dimensões econômica, militar e cultural/imaterial de poder. O desproporcional controle dessas três dimensões é o que explica a resiliência do «século norte-americano». O relativo declínio econômico do país nas últimas décadas e a emergência de atores como a China, por conseguinte, não garantem a superação da primazia norte-americana, como querem autores como Amitav Acharya³. Para Nye, a importância dos Estados Unidos continuará ao longo do século XXI.

O terceiro capítulo do livro examina que outros estados podem apresentar desafios à preeminência norte-americana e questiona

se alianças entre eles seriam factíveis. Europa, Japão, Rússia, Índia e Brasil são estudados a partir das dimensões de poder elencadas pelo autor. Em cada um desses casos, no entanto, Nye não só destaca a existência de fragilidades que inviabilizam o surgimento de rivais à altura, como também minimiza a possibilidade de formação de coligações opostas a Washington⁴.

Enquanto a Europa carece de um sentido de unidade e de coesão, o Japão, ao buscar apoio dos Estados Unidos frente à ascensão chinesa, tenderia a fortalecer a posição norte-americana na balança de poder global. A Rússia é caracterizada como revisionista e em declínio econômico e militar, mas capaz de demonstrações de força contra vizinhos regionais, como nos conflitos com Geórgia (2008) e Ucrânia (2014). Uma possível aliança com a China é minimizada visto que, para Nye, Pequim é beneficiada pela manutenção do *status quo*. Índia e Brasil, por fim, possuem *soft power* e potencial para desenvolvimento socioeconômico, mas convivem com consideráveis entraves domésticos e não têm incentivos e/ou condições de rivalizarem com Washington.

DESAFIOS À PREPONDERÂNCIA NORTE-AMERICANA

A China, tema do capítulo seguinte, é tida como o «único país com potencial» para desafiar a primazia dos Estados Unidos (p. 44). Ainda que careça de recursos de *soft power*, Pequim é detentora de armas nucleares, território continental e domínio tecnológico, além de consideráveis contingente populacional e Forças Armadas. No ponto de vista de Nye, não obstante, a China está

atrás dos Estados Unidos em todas as três dimensões de poder e tem optado por engajar-se primordialmente em seu próprio desenvolvimento e em sua região imediata (p. 47). Tais fatores limitam o engajamento chinês e contrapõem-se a argumentos, como os de John Mearsheimer⁵, de que a ascensão de Pequim será conflituosa.

Economicamente, a China enfrenta obstáculos como rápida urbanização, envelhecimento populacional e PIB *per capita* relativamente baixo. O ganho de importância do yuan no mercado financeiro internacional é minorado por Nye, que lembra que o país asiático não controla redes de pesquisa e de desenvolvimento, centralizadas essas, em sua maioria, em território norte-americano. Do ponto de vista militar, a China investe menos que os Estados Unidos, não possui similar capacidade de projeção naval e tampouco dispõe de alianças militares, infraestrutura e experiência em suas Forças Armadas. Já o *soft power* chinês seria prejudicado pela assertividade regional de Pequim e por constrangimentos domésticos causados por nacionalismo e pelo controle do Partido Comunista.

Além de citar essas limitações, Nye defende que a ascensão chinesa gera reações de outras potências asiáticas, como Índia e Japão, e de sócios menores como o Vietnã e as Filipinas, o que assegura vantagens estratégicas para os Estados Unidos. Desse modo, o autor aproxima-se da visão de John G. Ikenberry⁶ de que a China deve ser integrada à ordem vigente não só como forma de perpetuar a segurança de Washington, mas também para fazer frente aos desafios transnacionais contemporâneos. Isso posto, a ascensão do

«resto» cria complexidades e incertezas, mas não é suficiente para minar a primazia dos Estados Unidos.

Após minimizar a relevância de fatores externos, Nye localiza no âmbito doméstico as causas para um possível declínio dos Estados Unidos. Em especial, menciona que crises econômicas afetam a capacidade de o país gerar *soft* e *hard power*, bem como as chances de os formuladores de política exterior empregarem tais dimensões de poder. Quanto ao aspecto econômico, o argumento centra-se na ideia de que a economia norte-americana encontra-se hoje em melhores condições do que no contexto da crise de 2008, com o dólar ainda como moeda de referência. Ademais, o país domina tecnologias-chave em setores como biotecnologia, tecnologia da informação e nanotecnologia. Para o autor, problemas recentes como o aumento da desigualdade podem afetar a imagem do país, mas não ocasionarão seu declínio. As instituições políticas domésticas são marcadas por crescente polarização ideológica entre os dois principais partidos e por constantes disputas entre os poderes executivo e legislativo. Ainda que causem preocupação, esses conflitos são tratados como elemento integrante do jogo político norte-americano e parte da «história de engajamento» social do país (p. 91). Os riscos domésticos, assim, não geram condições que levem a um declínio absoluto.

CONTINUIDADE DA PRIMAZIA DOS ESTADOS UNIDOS

Na parte final da obra, Nye mantém a defesa da preeminência norte-americana, mas reconhece que dois grandes processos

de difusão de poder estão em curso: (1) transição global de poder do Ocidente para o Oriente; e (2) difusão de poder de governos para atores não estatais, causada principalmente pela revolução informacional, o que Nye chama de «entropia informacional» e trata como um desafio que pode ser ainda mais relevante que a ascensão chinesa (p. 97). Quando analisa essa desconcentração de poder, representa a ordem internacional como um tabuleiro de xadrez tridimensional. Ao passo que no âmbito militar o poder seria unipolar e dominado por Washington, a distribuição de capacidades seria multipolar do ponto de vista econômico e «não polar» no que diz respeito às relações transnacionais.

Nessa conjuntura, a liderança de Washington continua a ser central para a solução de problemas comuns, como, por exemplo, crises financeiras, proliferação nuclear, governança da internet e alterações climáticas. Para Nye, os Estados Unidos têm tido

e continuarão a ter um papel fundamental em instituições e em redes internacionais voltadas para a promoção de bens coletivos. Como explicita, o peso dos Estados Unidos «ainda importa» (p. 109).

O autor encerra a obra com a afirmação de que não estamos em um «século chinês» ou, como defende Oliver Stuenkel⁷, em um «século pós-americano» (p. 125). Mas lembra que, para que haja continuidade da centralidade norte-americana, o poder de Washington não deve ser exercido sobre os outros, mas com os outros, em um jogo cooperativo de soma positiva. Por fim, adverte que voltar-se ao isolacionismo do século XIX e dos anos 1930 ou optar por expansionismo descontrolado pode afetar decisivamente o lugar do país no mundo. Resta saber se a presidência de Donald Trump irá pôr as teses do livro à prova. No momento atual, a leitura de *Is the American Century Over?* torna-se ainda mais interessante. **RI**

NOTAS

¹ KENNEDY, Paul – *The Rise and Fall of Great Powers: Economic Change and Military Conflict from 1500 to 2000*. Nova York: Vintage Books, 1987.

² NYE, Joseph S. – *The Future of Power*. Public Affairs: Nova York, 2011.

³ ACHARYA, Amitav – *The End of American World Order*. Cambridge: Polity, 2014.

⁴ Ele não explica, contudo, que fatores podem levar esses países a agirem coletivamente. Para tanto, ver: ALBUQUERQUE, Felipe Leal Ribeiro de – «A cooperative global South? Brazil, India, and China in multilateral regimes». In *Carta Internacional*. Belo Horizonte. Vol. 11, N.º 1, 2016, pp. 163-187.

⁵ MEARSHEIMER, John – «The gathering storm: China's challenge to U.S. power in

Asia». In *The Chinese Journal of International Politics*. Pequim. Vol. 3, 2010, pp. 381-396.

⁶ IKENBERRY, John G. – «The rise of China and the future of the West: can the liberal system survive?». In *Foreign Affairs*. Nova York. Vol. 87, N.º 1, 2008, pp. 23-37.

⁷ STUENKEL, Oliver – *Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order*. Cambridge: Polity Press, 2016.